

## A DISCRIMINAÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA GLOBALIZADA

Vanessa Alexandre de Souza<sup>9</sup>

Neste ensaio faço algumas colocações sobre o texto de Ricardo Nóbrega, ““Baianos” e “paraíbas”: notas sobre a discriminação contra migrantes nordestinos”. Pretendo neste ensaio relacionar os aspectos apresentados por Nóbrega com outros autores que tratam do tema da exclusão, preconceitos, globalização e identidade cultural. Utilizarei conceitos de Canclini e Stuart Hall.

O texto relata o preconceito que existe no Rio de Janeiro e São Paulo (região sudeste) contra migrantes nordestinos. Todos os nordestinos, independente dos seus Estados de origem são chamados de “paraíbas” no Rio de Janeiro e “baianos” em São Paulo. Não é respeitada a diversidade cultural dos vários estados nordestinos. Segundo o autor essa discriminação é negligenciada pelos pesquisadores. Os termos discriminação e preconceito não devem se confundir, apesar de que a discriminação tem muitas vezes sua origem no simples preconceito. O preconceito não pode ser tomado como sinónimo de discriminação, pois esta é fruto daquele, ou seja, a discriminação pode ser provocada e motivada por preconceito.

Com o preconceito os habitantes da região sudeste constroem estereótipos em torno dos migrantes nordestinos. Eles são considerados atrasados, sem capacidade intelectual e são relacionados com ocupações de baixo prestígio social. Esse preconceito está presente também nos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, etc.). Dessa forma o preconceito acaba sendo disseminado e naturalizado.

O estereótipo é compartilhado pela população, até mesmo pelos próprios discriminados. Segundo esse estereótipo os nordestinos são “feios”,

---

<sup>9</sup> Estudante de graduação do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais/Universidade Federal de Goiás. E-mail: vanessa.csociais@gmail.com

“sujos”, de “mau-gosto”, “preguiçosos” e responsáveis pelo aumento dos problemas sociais (criminalidade, desemprego, etc.) nas cidades para onde migram. Os nordestinos de classes sociais mais elevadas são considerados uma elite de segunda classe porque possuem os mesmos valores culturais dos migrantes típicos.

Segundo o autor, “O preconceito contra migrantes nordestinos é manifesto sob três dimensões essenciais: racial, de classe e cultura” (NÓBREGA, 2007, p. 6). A dimensão racial é baseada na antiga concepção de raça e nas teorias raciais das primeiras décadas do século XX. Essas teorias não têm mais credibilidade na atualidade, mas foram naturalizadas pelo senso comum, construindo preconceitos. As teorias raciais condenavam a miscigenação que levaria a uma degeneração racial e explicavam as diferenças entre os indivíduos pelas características físicas. A categoria raça não é comprovada geneticamente, mas existe como categoria discursiva e é freqüentemente identificada nas narrativas. Segundo Stuart Hall:

60

Em primeiro lugar, contrariamente à crença generalizada, a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar um grupo de outro (HALL, 2004, p. 63).

A dimensão de classe existe porque os migrantes mais discriminados são os de condição social menos favorecida. Então, liga-se a imagem do nordestino a ocupações de baixo status social. A cultura nacional busca sempre unificar os indivíduos, independente da raça, classe ou gênero. Apesar desse discurso de unificação, as diferenças continuam existindo. Ocorre a disputa por hegemonia entre as classes sociais e etnias. A divisão entre

regiões desenvolvidas e atrasadas aumenta, e os habitantes das regiões menos desenvolvidas são identificados como atrasados.

O processo de globalização e modernização ocorre em escala mundial. Busca-se um modelo de civilização e desenvolvimento. As diferenças culturais entre países são ignoradas. A heterogeneidade social é causada pelas migrações, que aumentaram com o processo de globalização. Os nordestinos são vistos como avessos ao projeto modernizador, branqueador e europeizante que define como barbárie o que dele difere.

Canclini (2003) demonstra que ocorrem fenômenos como esse em outras metrópoles latino-americanas. Em Buenos Aires existe o conflito social entre *portenhos* e *provincianos* e na Cidade do México, entre *chilangos* e *nacos*. No mundo contemporâneo existe uma dissolução das monoidentidades. Não existe a sustentação da cultura nacional por uma cultura global. Não há um consenso sobre os efeitos da globalização, seriam negativos ou positivos? Apesar dos benefícios da abertura e integração internacional, houve o agravamento de problemas e conflitos (desemprego, poluição, violência, etc.).

61

Para Canclini (2003), surgem as divergências entre os corpos culturais, os dramas da interculturalidade e da exclusão. A globalização sem a interculturalidade é um objeto cultural não-identificado. Existe a interdependência e interpenetração entre global e local. Os dados demográficos demonstram que não ocorre a dissolução das diferenças entre as nações, nem uma mobilidade transnacional generalizada, nem culturalmente, nem economicamente. Não existe a sustentação da cultura nacional por uma cultura global. Os símbolos máximos da globalização estão nos Estados Unidos e no Japão, alguns na Europa e quase nenhum na América Latina. Permanece a distinção entre centro e periferia. A globalização sem a interculturalidade é um objeto cultural não-identificado. Existe a interdependência e interpenetração entre global e local.

O autor denomina três processos: globalização, internacionalização e transnacionalização. A internacionalização da economia e da cultura se iniciou com as navegações e o contato Europeu com o Extremo Oriente e a América

Latina. A transnacionalização se iniciou a partir da primeira metade do século XX, com as empresas e organismo que não tem sede exclusiva em apenas uma nação, mas em várias. A globalização surgiu a partir desses dois processos.

As mudanças globalizadoras alteraram a maneira de conceber a cultura. O início da idéia de globalização se deu com o fim da polaridade ideológica e surgimento de um mundo fragmentado e cheio de possibilidades. As fronteiras mundiais se tornaram menos proibitivas e se estabeleceu uma tendência de homogeneidade, de internacionalização das formas financeiras do capitalismo. Após a queda do “muro de Berlim”, surgiu uma multipolaridade ideológica, crise das instituições, das ideologias e das teorias sociais.

Segundo Chesnais (1996), o adjetivo “global” surgiu no começo dos anos 80, nas grandes escolas americanas de administração de empresas. Foi difundido a nível mundial pela imprensa econômica e financeira de língua inglesa, e em pouquíssimo tempo invadiu o discurso político neoliberal. As publicações que faziam apologia da “globalização” apresentam esse mundo como um mundo “sem fronteiras” e as grandes empresas como “sem nacionalidade”.

Esses termos não são neutros, são cheios de conotações e por isso invadiram o discurso político e econômico cotidiano com facilidade. A globalização não trouxe apenas mudanças econômicas e comunicacionais, como a circulação de capitais, bens e mensagens, gerou também a circulação de pessoas que se deslocam entre países e culturas como migrantes. O que não era possível até o século XX. Essa reorganização mundializada das sociedades é um processo irreversível, não há como construir sociedades alternativas desligadas do global.

A intensificação do intercâmbio não põe todos os habitantes do planeta em interação. Benedict Anderson (1993) chamou as nações de “comunidades imaginadas”, porque não há como os membros de uma nação conhecer todos os seus compatriotas. Canclini (2003) constrói o termo globalização imaginada. Porque na globalização tem-se a ilusão de integração mundial e o imaginário

de que todos podem se conhecer, mas existe ao mesmo tempo o esquecimento e a segregação, causados pela desigualdade.

Para Stuart Hall (2004) as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização. As identidades nacionais não são mais unificadas e homogêneas, estão sendo descentradas e fragmentadas por causa da globalização. As conseqüências desse processo sobre as identidades nacionais se apresentam na desintegração como resultado da homogeneização cultural do mundo. Surgem novas identidades nacionais híbridas, substituindo as identidades nacionais.

Segundo Castells (1999), o controle do monopólio do Estado sobre o tempo e o espaço, até então assegurado, vem sendo sobrepujado pelos fluxos globais de capital, de serviços, de tecnologia, de comunicação e do crime organizado. Como forma histórica das sociedades modernas, o Estado-Nação encontra sua soberania, sua capacidade regulatória e as condições para sua legitimidade enfraquecidas.

63

Este processo de globalização e transformações das identidades nacionais se relaciona com a discriminação de alguns grupos não hegemônicos. Como o caso dos nordestinos no Brasil. Esses grupos estão à margem do processo de modernização e civilização, que segue um padrão europeu, ocidental e branqueador. O que difere das características consideradas civilizadas é caracterizado como inferior e descivilizado.

No Brasil, há a desigualdade regional, os estados do sudeste onde predomina esse preconceito são modernizados e desenvolvidos economicamente. Os estados do nordeste estão fora do eixo hegemônico que predomina na sociedade brasileira. Essa desigualdade se estende aos habitantes das regiões surgindo o preconceito dos paulistas e cariocas contra os nordestinos.

A discussão sobre o preconceito contra nordestinos no Brasil coloca em questão as hierarquias sociais e as relações interétnicas. Para que o Brasil se torne uma sociedade mais democrática e igualitária é necessário promover este tipo de discussão e exposição de problemas. Devem ser reconhecidos os

direitos dos grupos não-hegemônicos e sua dignidade. O modelo de civilização proposto pela globalização deve ser questionado, pois exclui minorias étnicas e culturais.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CANCLINI, N. G. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. SP: Xamã, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NÓBREGA, R. “Baianos” e “paraibas”: notas sobre a discriminação contra migrantes nordestinos. GT5 – Cultura, Política, Memória e Subjetividade. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

